



Nome da Empresa: **DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIOECONÔMICOS (DIEESE)**

PROJETO:

**CONTRATO N. 001/2006 (CONVÊNIO MTE/SPPE/CODEFAT –  
CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS ENTRE CEAS URBANO PE E  
DIEESE)**

TEMA: **CONSULTORIA E PESQUISA/DIAGNÓSTICOS**

OBJETIVO DA CONSULTORIA: **ELABORAÇÃO DE PESQUISA/DIAGNÓSTICOS DE ESTUDOS DE CASOS**

**PRODUTO 3 – ESTUDO DE CASO III  
SETOR DE CONFECÇÃO NO NORDESTE**

NOVEMBRO DE 2006

## SUMÁRIO

Apresentação.....	03
1. Introdução.....	04
2. Características do setor .....	06
3. Análise de dados do setor de confecções do Ceará.....	15
4. Processo Produtivo e métodos de gerenciamento.....	19
5. O mercado de trabalho do setor de confecções no Ceará.....	22
6. Conclusões.....	43
Bibliografia	

## **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho visa analisar o setor de confecção no Nordeste de forma geral, enfocando o desempenho do estado do Ceará em particular e comparando-o quando for necessário com os estados mais relevantes do setor de confecções na região, como o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia.

Nesta análise, no primeiro tópico abordaremos brevemente sobre as origens e os dados relativos ao setor em relação ao número de empresas para toda a região Nordeste, mostrando a grande relevância do estado do Ceará. Posteriormente, serão apresentadas as principais características do setor, seguida de uma análise setorial e de observações sobre os processos produtivos e dos métodos de gestão utilizados. Por último observaremos os dados relativos ao mercado de trabalho, buscando analisar tendências e comparando os empregados formais do setor no Ceará com os de outros estados da região.

O último item será uma conclusão, baseada na análise dos tópicos anteriores.

## 1. INTRODUÇÃO

Antes de analisar o setor de confecções no Ceará, faz-se necessário salientar o peso considerável da mão-de-obra feminina no setor de confecções, que por motivos diversos, tem em média 77% do total de trabalhadores. Dito isso, analisar o papel das bordadeiras e artesãs no setor é fundamental para entender as características das confecções no Nordeste.

Segundo os pesquisadores do Curso de Estilismo e Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) a partir do trabalho das bordadeiras é que se iniciou toda a vocação do Ceará para o setor de confecção.

Inicialmente o bordado se destinava a confecção de artigos de cama e mesa. Com o passar do tempo passou-se a fazer parte do vestuário. A partir da tradição de um dos melhores bordados do país, originou-se a base vocacional para a atividade de confecção se desenvolver no Ceará.

*“Por volta do ano de 1910, Mundica Paula, (hoje nome de rua de Fortaleza e Maranguape) morava em Palmácia (na época Distrito de Maranguape) e comprou uma máquina de bordar. Um técnico inglês veio especialmente para lhe ensinar como a máquina funcionava. Essa foi a primeira máquina de bordar do Ceará e atualmente encontra-se em um museu de Fortaleza. Mais tarde, Mundica Paula veio morar em Maranguape e começou a confeccionar roupas bordadas para vender. Muitas mulheres levavam bordados para fazer em casa, enquanto outras eram contratadas para bordar na casa dela. O negócio, que a princípio era tipicamente artesanal, foi crescendo e, em 1940, ela foi morar em Fortaleza, onde iniciou a “Rendas e Bordados Mundica Paula S/A”. Em 1956, com a sua morte, a herança é dividida e um de seus filhos, Francisco Colares Filho, implantou a primeira fábrica de confecções de Maranguape: a Francisco Colares – Bordados do Ceará” (Pereira, 1985: 16-17).*

No ano de 2005, segundo dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais, o Ceará aparece como o maior pólo de confecções do Nordeste, concentrando 36,72% das empresas da Região Nordeste, seguido do estado da Bahia com 22,74% das empresas, Pernambuco

com 17,64% e Rio Grande do Norte com 4,78% (Tabela 1). Apesar da predominância do Ceará no setor de confecções na Região Nordeste, observa-se o crescimento contínuo do número de empresas na região como um todo, no período de 2000 a 2005.

**TABELA 1**  
**Número de Empresas por Estados do Nordeste, de 2000 a 2005**

Estados do Nordeste	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alagoas	171	177	191	212	218	268
Bahia	1.504	1.684	1.753	1.896	2.205	2.791
Ceará	3.344	3.591	3.798	3.941	4.233	4.506
Maranhão	454	513	561	507	619	694
Paraíba	393	415	446	428	441	521
Pernambuco	1.419	1.566	1.655	1.758	1.915	2.165
Piauí	399	422	463	457	500	521
Rio Gde. do Norte	401	431	465	487	561	586
Sergipe	140	154	158	172	202	220
<b>TOTAL</b>	<b>8.225</b>	<b>8.953</b>	<b>9.490</b>	<b>9.858</b>	<b>10.894</b>	<b>12.272</b>

Fonte: RAIS, 2005

Um outro aspecto observado no setor de confecção do Nordeste é quanto à localização, em que detectamos uma forte concentração da produção nas capitais e em algumas cidades do interior (Quadro 1). Se a produção é concentrada, o mesmo não ocorre com a comercialização, que é realizada em vários locais, tanto em outras cidades como também em outros estados e regiões do país. Vários estados do Nordeste têm feiras e eventos específicos de comercialização desta produção que tanto podem ser ao ar livre, onde é vendida a produção mais simples, como também eventos direcionados para lojistas e revendedores, onde é comercializada a produção das empresas maiores, geralmente com preços mais altos e marcas mais conhecidas dos consumidores.

**QUADRO 1**  
**Principais municípios produtores de confecção**

Estado	Municípios produtores de confecção
Ceará	Fortaleza, Juazeiro do Norte, Maracanau, Caucaia, Maranguape.
Pernambuco	Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Recife, Toritama, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Taquaritinga do Norte.
Bahia	Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Itabuna, Jequié, Lauro de Freitas, Santo Antonio de Jesus.
Rio G. do Norte	Natal, Mossoró, Parnamirim, Acari, Ceará Mirim, Caico, São José do Seridó.
Paraíba	João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Patos, Itaporanga, Sousa.
Piauí	Teresina, Parnaíba, Piriipiri, Campo Maior, São Raimundo Nonato, Picos, Floriano.
Maranhão	São Luis, Imperatriz, Caxias, Timon, Açailândia, Balsas, Paco do Limiar, Santa Inês, São José de Ribamar.
Sergipe	Aracaju, Itabaianinha, Nossa Senhora do Socorro, Tobias Barreto, Lagarto, Lagarto, Itabaiana, São Cristóvão.
Alagoas	Maceió, Arapiraca, Penedo, Rio Largo.

Fonte: RAIS 2005

## 2. CARACTERÍSTICAS DO SETOR

O setor de confecções se caracteriza por ser a terceiro estágio da cadeia têxtil e de confecções (CTC), que é responsável pela produção dos produtos finais (vestuário, acessórios, entre outros) com matéria prima originária da indústria têxtil. No país, após representar mais de 10% do PIB nos anos de 1970, atualmente a participação do setor no PIB oscila entre 2 a 3%.

As principais características do setor de confecções no Brasil é o seu consumo sazonal, com forte elasticidade-renda e elasticidade-preço. Os produtos têm tido o seu ciclo de vida cada vez menor, devido às tendências da moda, e com o uso cada vez maior de fibras sintéticas, mostrando a necessidade de inovação em design e renovação dos produtos. As áreas mais dinâmicas do segmento de confecções concentram-se atualmente no design, marketing e na centralização de vendas, não sendo raro as maiores empresas do setor “terceirizar” parte ou toda produção. O setor apresenta, no país, pouca integração com o setor têxtil e de fibras.

A abertura comercial no início da década de 1990 provocou um ajuste defensivo do setor de confecções no país, com aumento da produtividade e conseqüente diminuição do número de trabalhadores, aumento na eficiência na produção, aumento das terceirizações, maior especialização e aumento na importação de insumos, principalmente no período que vai de 1990 a 1996.

Segundo estudo MDIC/UNICAMP-NEIT (2002), só não houve impactos ainda piores no setor com a abertura comercial porque como o setor mais aberto ao mercado internacional dentro da CTC brasileira é o têxtil (ao contrário dos outros países), o segmento de confecções é voltado predominante ao mercado interno. A evolução dos preços dos produtos do setor na década de 1990, por sua vez, foi inferior à verificada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC-IBGE), o que levou a uma queda real nos preços relativos e conseqüentemente favoreceu o consumo, enfraquecendo efeitos adversos.

Outro ponto importante é que, apesar de haver um baixo nível de integração dentro da CTC, isso não foi suficiente para que o setor de confecções não sentisse os efeitos da praga

no plantio de algodão e o aumento das importações do produto durante a década de 1990, além do problema de obsolescência de maquinário (que permanece para grande parte das empresas). Essa instabilidade acabou por se refletir no mercado de trabalho do setor têxtil, com uma diminuição de 62,0% no número de trabalhadores entre 1990 e 2000, sendo que no setor de confecções essa diminuição também foi significativa, da ordem de 29,8% no mesmo período; houve uma estabilidade do produto, mas a custa de uma diminuição de 28% no número de empresas.

Os investimentos no setor de confecções, por sua vez, estiveram concentrados no Nordeste (graças aos incentivos fiscais), mas em uma escala inferior ao verificado em países do porte do Brasil, sendo concentrado nas grandes empresas. O aumento da produtividade na CTC foi considerável, mas ele foi localizado fora do setor de confecções; neste segmento, o incremento de produtividade foi baixo, dado a dispersão do setor em quase 20 mil empresas, a maioria micro e pequenas, utilizando processos e maquinários defasados e com produtos de baixa qualidade (MDIC/UNICAMP-NEIT (2002)).

A própria distribuição das exportações, concentradas em grandes empresas, indica a existência de dois “mundos” na CTC: um constituído de grandes empresas, modernas, com escala, investimentos, incentivos fiscais e competitivas e um outro, com micro e pequenas empresas, antagônicas estruturalmente ao núcleo dinâmico do setor, numa produção quase artesanal e com grande quantidade de trabalhadores informais (vide o número de empresas sem funcionários registrados, em especial no setor de confecções).

A dinâmica de movimento das empresas do setor de confecções segue a lógica da busca por menores salários. Com uma considerável concentração de empresas do segmento, o Nordeste tem como atrativos principais os baixos salários pagos (mais baixos do que em outras regiões) e os incentivos fiscais.

Os incentivos fiscais para empresas do setor no Nordeste têm gerado uma “guerra” entre estados e municípios, não permitindo a formação de “clusters” e causando uma desconcentração regional que gera problemas no fornecimento de insumos. Além do fato de



que esses incentivos favorecem somente as grandes empresas (com maior mobilidade geográfica), enquanto que as micro e pequenas empresas, com uma mobilidade geográfica e de mercado limitado, se especializam em atividades de baixo valor agregado e terceirizações. Os estados mais importantes do setor de confecções no Nordeste são o Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia.

Dentro do setor de confecções brasileiro, a importância do Nordeste pode ser observada pelo número de estabelecimentos (empresas) em relação ao total. No ano de 2001, para efeito de comparação, existiam 18.797 empresas no país, sendo que 8.953 empresas estavam no Nordeste. Porém, como veremos mais futuramente dentro do texto (na análise do mercado de trabalho), existe um forte componente de informalidade no setor.

Como foi observado no número de empresas de confecção por estado (tabela 1), é considerável a importância da indústria de confecções para as economias de estados como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e principalmente no Ceará. A Tabela 2 abaixo traz o número de cidades por estados do Nordeste onde é detectada pelo menos uma empresa do setor de confecções. O importante, neste caso, não é especificamente o volume produzido, mas sim o caráter pulverizado da produção e seus impactos sobre emprego e renda, em uma região que não oferece muitas oportunidades de produção e de trabalho. O estado de Pernambuco com 52,97% de seus municípios envolvidos na produção e o estado da Bahia, com 44,60%, são os estados onde esta participação é mais significativa. O Ceará, apesar de não ter a maior proporção, tem em conta seu peso no total de empresas e empregos, conforme veremos no decorrer do presente relatório.

**TABELA 2**  
**Municípios do Nordeste que produzem confecção (%)**

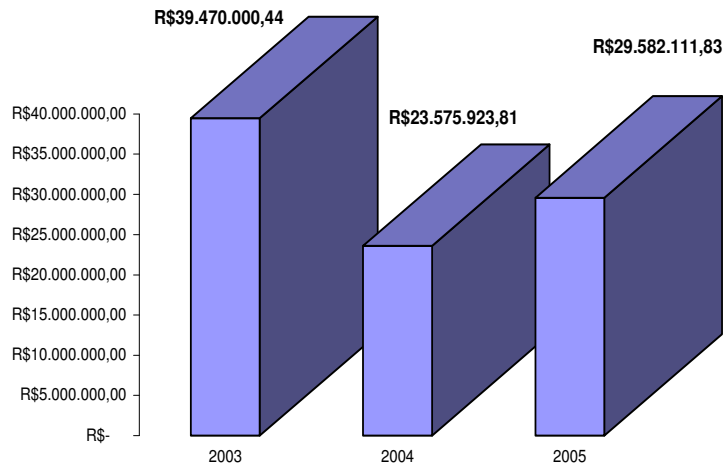
Estados	Número de municípios do estado	Municípios produtores de confecções	Percentuais
Alagoas	102	36	35,29%
Bahia	417	186	44,60%
Ceará	184	56	30,43%
Maranhão	217	21	9,68%
Paraíba	223	55	24,66%
Pernambuco	185	98	52,97%
Piauí	226	12	5,31%
Rio Grande do Norte	167	31	18,56%
Sergipe	75	27	36,00%

Fonte: RAIS, 2005

Avaliando alguns impactos do setor de confecções na economia dos estados, observamos que os níveis de informalidade são elevados, gerando efeitos adversos tanto em relação aos direitos trabalhistas como também na arrecadação de impostos.

Especificamente sobre a questão fiscal do estado do Ceará, o gráfico 2 a seguir mostra a evolução da arrecadação de ICMS para o setor de confecções no estado do Ceará entre 2003 a 2005, sendo verificada uma forte queda no ano de 2004, passando de R\$ 39.470.000,44 em 2003 para R\$ 23.575.923,81 em 2004, queda de 40,27%. Os dados preliminares de 2006 já apontam a tendência para a elevação da arrecadação de ICMS com relação ao ano anterior, sendo observado que de janeiro a setembro de 2006 já existe um montante arrecadado de R\$ 15.968.118,50 e o período de maiores vendas ainda não foi contabilizado. Na indústria como um todo, para comparação do desempenho industrial do Ceará com o Nordeste e com o país, do ano de 2003 para o ano de 2004, o crescimento do valor adicionado na indústria foi de 5,02% no país, 5,76% no Nordeste e 4,33% no Ceará, salientando que no estado o peso da indústria de transformação (onde está inserido o setor de confecções) no valor adicionado bruto é de 18,6%, contra 29,1% do país.

**GRÁFICO 1**  
**Arrecadação de ICMS para o setor de confecções – Ceará (2003 a 2005)**



Fonte: SEFAZ-CE

Em relação ao tipo de mercado onde atuam, existe uma heterogeneidade grande na produção, atendendo a muitos segmentos de mercado, tais como: moda masculina, moda feminina, moda íntima, moda praia, confecção infantil, artigos de cama e mesa, roupa profissional, dentre outras. Esta segmentação se dá também nas fatias de mercado conforme as faixas de renda. Portanto coexistem empresas de todo porte e voltadas tanto para mercados locais como regionais. Um exemplo disso é o deslocamento de algumas grandes empresas para o Norte e Nordeste, principalmente para o Ceará, buscando isenção fiscal e mão-de-obra barata.

Já sobre o fornecimento de insumos, especificamente para o estado do Ceará, segundo informações levantadas pelo Programa de Desenvolvimento da Indústria de Confecções do Ceará (PRODIC), 68% da matéria-prima utilizada no setor tem origem no próprio estado do Ceará, sendo o estado de São Paulo o segundo maior fornecedor de insumos.

Sobre as exportações do setor no Ceará, numa comparação com o Rio Grande do Norte e Pernambuco, os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

(MDIC) no período de janeiro de 2003 a setembro de 2006 demonstram (Tabelas 3, 4 e 5) o desempenho das exportações no setor de confecções nos estados citados, em que os artigos de confecção figuram entre os últimos pontos da pauta de exportação dos estados, mostrando um desempenho modesto em relação ao comércio exterior como um todo. No geral, no ano de 2001 (MDIC/UNICAMP-NEIT, 2002) o país representou 0,2% das exportações mundiais do setor de confecções.

As tabelas citadas revelam o peso reduzido que as exportações têm no total de vendas de confecções nos estados mencionados, o que indica que a produção é quase toda voltada para o mercado interno, sendo uma importante limitação da produção nordestina. Porém, neste caso específico, o setor tem poupado à indústria nordestina de confecção da crise provocada pela valorização cambial e da crescente concorrência chinesa, que vem trazendo dificuldades crescentes para as exportações têxteis do Sul/Sudeste, em especial em Santa Catarina.

Comparando o comportamento dos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, observamos que este último é o que apresenta a maior diversificação de produtos exportados, com dezessete itens na pauta de exportações ao longo dos últimos anos, sendo seguido pelo Ceará, com dez tipos de confecções exportadas e Pernambuco, com sete itens.

**TABELA 3**  
**Exportações de confecções - Ceará (2003 a 2006)**

Principais Produtos Exportados	2006 *			2005			2004			2003		
	Ranking	EXP %	Variação 06/05 (Jan A Set)	Ranking	EXP %	Variação 05/04	Ranking	EXP %	Variação 04/03	Ranking	EXP %	Variação 03/02
Calças, Jardineiras, etc. de algodão, de uso feminino	-	-	-	22°	0,82%	1,61%	19°	0,88%	49,46%	26°	0,66%	251,30%
Calças, Jardineiras, etc. de algodão, de uso masculino	-	-	-	23°	0,73%	278,90%	61°	0,21%	350,20%	81°	0,05%	IND
Camisetas "T-Shirts", etc. de malha e algodão	72°	0,11%	-	75°	0,10%	332,40%	100°	0,05%	-36,59%	65°	0,09%	IND
Camisetas "T-Shirts", etc. de malha e Outros materiais têxteis	76°	0,09%	-	90°	0,06%	105,80%	97°	0,05%	IND	-	-	-
Sutiãs e "Bustiers"	87°	0,06%	-	-	-	-	-	-	-	82°	0,05%	8,30%
Calças, Jardineiras, etc. de malha, de uso masculino	92°	0,06%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Calças, etc. de malha, de uso feminino	94°	0,06%	-	74°	0,10%	54,28%	-	-	-	-	-	-
Saias e Saias-Calças de algodão	-	-	-	80°	0,09%	28,38%	89°	0,06%	85,13%	90°	0,04%	IND
Colchas de algodão, de malha	-	-	-	96°	0,06%	6,30%	92°	0,06%	1,42%	75°	0,06%	418,40%
Camisas, etc. de malha e Outros materiais têxteis	-	-	-	-	-	-	-	-	-	88°	0,04%	IND
<b>TOTAL</b>		<b>0,38%</b>			<b>1,96%</b>			<b>1,31%</b>			<b>0,99%</b>	

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Elaboração: DIEESE-ER/CE

\* Dados de 2006 totalizados de janeiro a setembro

**TABELA 4**  
**Exportações de confecções - Pernambuco (2003 a 2006)**

Principais Produtos Exportados	2006*			2005			2004			2003		
	Ranking	EXP %	Variação 06/05 (Jan A Set)	ranking	EXP %	Variação 05/04	ranking	EXP %	Variação 04/03	ranking	EXP %	Variação 03/02
Roupas de Toucador/Cozinha, de tecidos Atoalhados	17º	1,49%	IND	68º	0,16%	IND	-	-	-	26º	0,85%	-
Camisetas "T-Shirts", etc.de malha e algodão	93º	0,08%	-93,92%	24º	1,08%	24,64%	21º	0,29%	-60,67%	14º	1,71%	111,69%
Camisas, etc.de malha e algodão, de uso Feminino	-	-	-	91º	0,07%	-62,55%	51º	0,29%	-60,67%	22º	0,93%	270,17%
Calças, Jardineiras, etc.de algodão, de uso masculino	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33º	0,60%	IND
Calças, Jardineiras, etc.de algodão, de uso feminino	-	-	-	-	-	-	84º	0,08%	-83,34%	-	-	-
Saias e Saias-Calças, de algodão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	59º	0,16%	61,36%
Calcinhas de malha, de fibras sintéticas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	98º	0,04%	362,43%
<b>TOTAL</b>		<b>0,00%</b>	<b>-</b>		<b>1,31%</b>	<b>-</b>		<b>0,66%</b>	<b>-</b>		<b>4,29%</b>	<b>-</b>

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Elaboração DIEESE-ER/CE

\*Dados de 2006 totalizados de janeiro a setembro

TABELA 5 - Exportações de confecções - Rio Grande do Norte (2003 a 2006)

Principais Produtos Exportados	2006*			2005			2004			2003		
	ranking	EXP %	Variação 06/05 (Jan. a Set)	ranking	EXP %	Variação 05/04	ranking	EXP %	Variação 04/03	ranking	EXP %	Variação 03/02
Camisetas "T-Shirts", etc. de malha e algodão	9º	2,39%	-30,12%	9º	2,73%	2,20%	-	-	-	-	-	-
Roupas de cama, de fibras sintéticas	21º	0,98%	15,56%	21º	0,80%	44,29%	-	-	-	-	-	-
Cobertores e mantas, de algodão	25º	0,08%	299,91%	27º	0,38%	IND	-	-	-	-	-	-
Roupas de cama, de algodão estampadas	37º	0,25%	95,37%	40º	0,09%	-54,26%	-	-	-	-	-	-
Outras roupas de cama, de algodão	52º	0,06%	12,25%	52º	0,04%	5,01	-	-	-	-	-	-
Roupas de mesa, de fibras sintéticas	53º	0,06%	8,34%	51º	0,04%	-4,92	-	-	-	-	-	-
Outras roupas de cama, de fibras sintéticas	79º	0,02%	-13,16%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camisas de malha e algodão, de uso masculino	86º	0,01%	IND	75º	0,01%	-33,02%	-	-	-	-	-	-
Colchas de algodão, de malha	87º	0,01%	IND	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Camisas de malha de fibras sintéticas	-	-	-	60º	0,02%	IND	98º	-	-27,13%	99º	0,02%	-76,94%
Camisas de algodão, de uso masculino	68º	0,01%	-70,85%	68º	0,01%	-70,85%	-	-	-	-	-	-
Maiôs e Biquínis, de banho, de malha	84º	IND	IND	84º	IND	IND	-	-	-	-	-	-
Calças, Jardineiras, etc. de algodão, de uso masculino	90º	IND	41,75%	90º	IND	41,75%	94º	0,17%	-98,39%	-	-	-
Camisas de fibras sintéticas / artificiais	94º	IND	322,49%	94º	IND	322,49%	-	-	-	-	-	-
Maiôs e Biquínis, de banho, de Fibras sintéticas	-	-	-	-	-	-	88º	IND	16,47%	92º	IND	IND
Outros vestuários de malha, de algodão	-	-	-	-	-	-	95º	IND	IND	-	-	-
Shorts e Sungas, de banho, de malha, de fibras sintéticas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	95º	IND	IND
<b>TOTAL</b>		<b>0,47%</b>			<b>4,09%</b>			<b>0,00%</b>			<b>0,02%</b>	

Fonte: Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Elaboração DIEESE-ER/CE

\*Dados de 2006 totalizados de janeiro a setembro

Quando se trata do ambiente concorrencial do setor de confecções no Ceará, uma característica importante é a facilidade de entrada de novas firmas (poucas “barreiras à entrada”) já que a necessidade de investimento inicial é baixa e é pouco difundido o uso de tecnologias mais modernas na produção (concentrada na minoria de grandes empresas). Uma outra facilidade para a sobrevivência de pequenas empresas é justamente a grande necessidade de renovação e mudança constante nos produtos lançados, característica relacionada com o caráter efêmero dos modismos de cada período (ou o diminuto “ciclo de vida” dos produtos do setor). Isso implica na criação permanente de novos lançamentos, dificultando assim a concorrência de grandes empresas em seus nichos específicos de mercado, locais em sua maioria absoluta, já que as mesmas não têm como ajustar sua produção tão rapidamente.

Outra característica fundamental do ambiente concorrencial é que o mercado de confecções é focado na competição por preço, sendo os produtos de baixo valor agregado e com pouca (ou nenhuma) diferenciação. Devido a este fato, o diferencial na concorrência vai ser dado na exclusividade dos modelos, cores ou tecidos, e na imitação de produtos desenvolvidos em regiões líderes no que diz respeito ao *design* e inovação dos modelos. No caso da produção do Ceará e Rio Grande do Norte, quando comparado com o que é produzido em Pernambuco ou em Minas Gerais, observam-se diferenças relacionadas à qualidade de materiais utilizados e nos sistemas de produção. Essa qualidade inferior da produção no Ceará e Rio Grande do Norte acaba por gerar produtos com baixo valor agregado, que gera problemas consideráveis de concorrência, e que acaba por resultar numa piora da sustentabilidade do setor e aumento da informalidade, gerando impactos adversos tanto nas relações de trabalho (aumento da precarização e informalidade) como na queda de arrecadação fiscal.

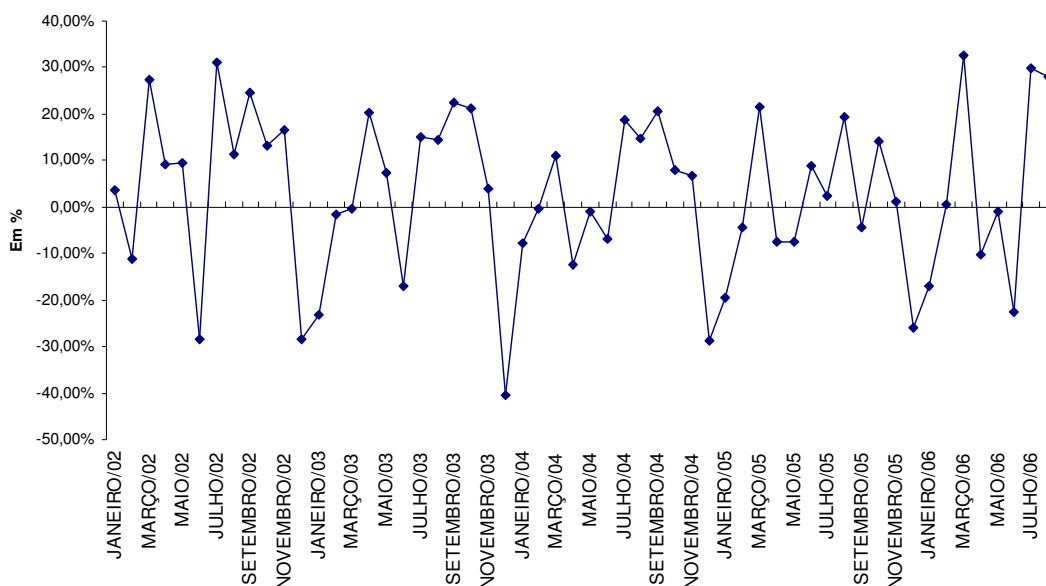


### 3. ANÁLISE DE DADOS DO SETOR DE CONFECÇÕES DO CEARÁ

Nos gráficos a seguir, temos alguns dados produzidos pela Federação das Indústrias do Ceará (FIEC) e divulgados pelo Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará – INDI, em parceria com a Confederação Nacional da Indústria – CNI. (Gráficos 2, 3, 4 e 5).

No tocante a vendas totais temos um comportamento anual marcado sempre por um forte aquecimento de vendas a partir do mês de junho para atender o consumo do fim de ano, seguido de queda forte nos meses de janeiro e fevereiro. (Gráfico 2)

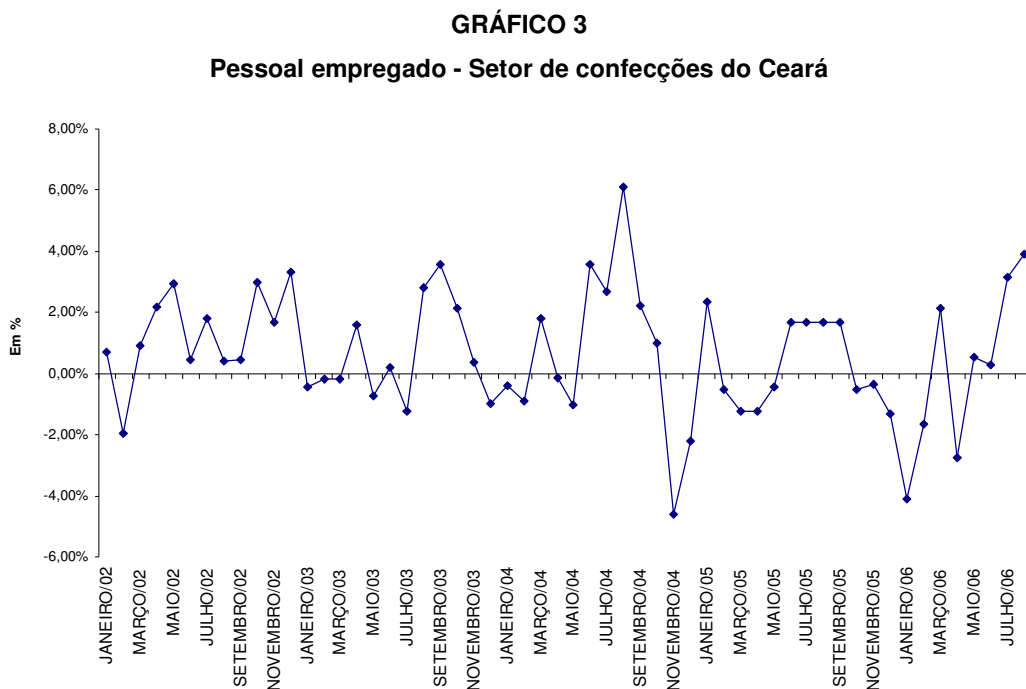
**GRÁFICO 2**  
**Desempenho das vendas totais - Setor de confecções do Ceará.**



Fonte: INDI – FIEC – CNI

Com relação a pessoal empregado, o gráfico a seguir de número 3 observa-se que as contratações têm seguido de perto o ciclo produtivo. Geralmente os fluxos de trabalhadores ingressantes no setor são mais intensos no período de junho a setembro. Posteriormente (por volta de outubro em diante) as admissões começam a diminuir seu ritmo e o fluxo de entrada de novos trabalhadores atinge seu menor valor no mês de fevereiro. Uma exceção dentro do período analisado foi o ano de 2002, onde o período

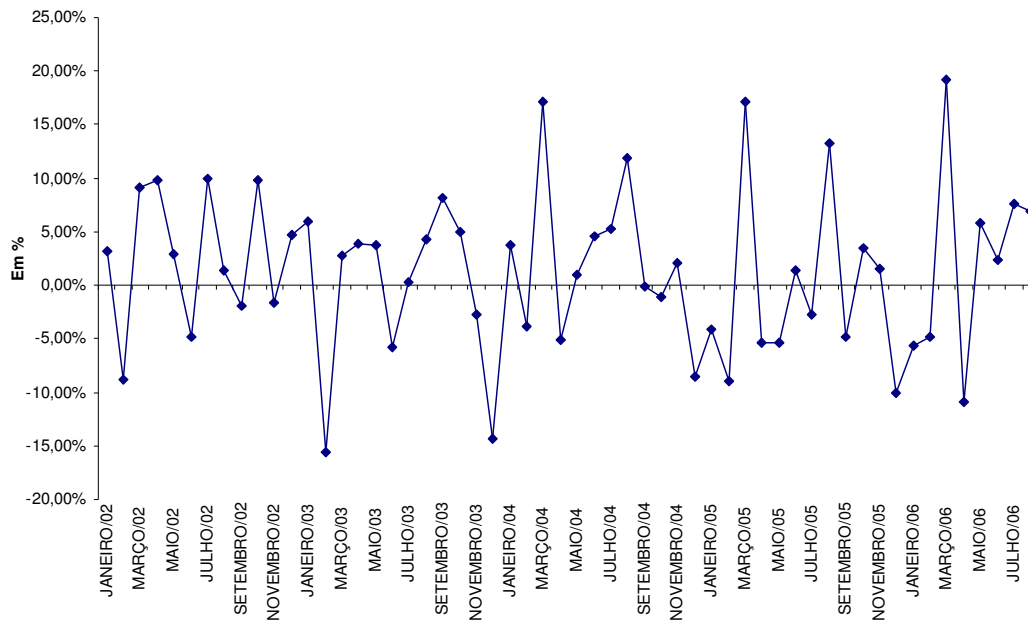
de contratações começou a se elevar em fevereiro e manteve-se com uma boa oferta de vagas até o fim do ano. Um outro ano atípico foi o de 2006 em que ocorreu uma forte queda na oferta de vagas no começo do ano que persistiu até o mês de abril quando o mercado de trabalho começou a reagir. (Gráfico 3)



Fonte: INDI – FIEC – CNI

O desempenho das horas trabalhadas na produção também segue a mesma tendência das vendas totais. Partindo do pressuposto que produzir e vender não ocorre simultaneamente, ou seja, que existe uma diferença de tempo entre as duas ações, pode-se observar uma relação estreita entre horas trabalhadas na produção e vendas totais, revelando a cada vez maior capacidade que o setor tem de dar respostas aos estímulos de demanda, principalmente devido à difusão de programas tipo “*just in time*” (Gráfico 4).

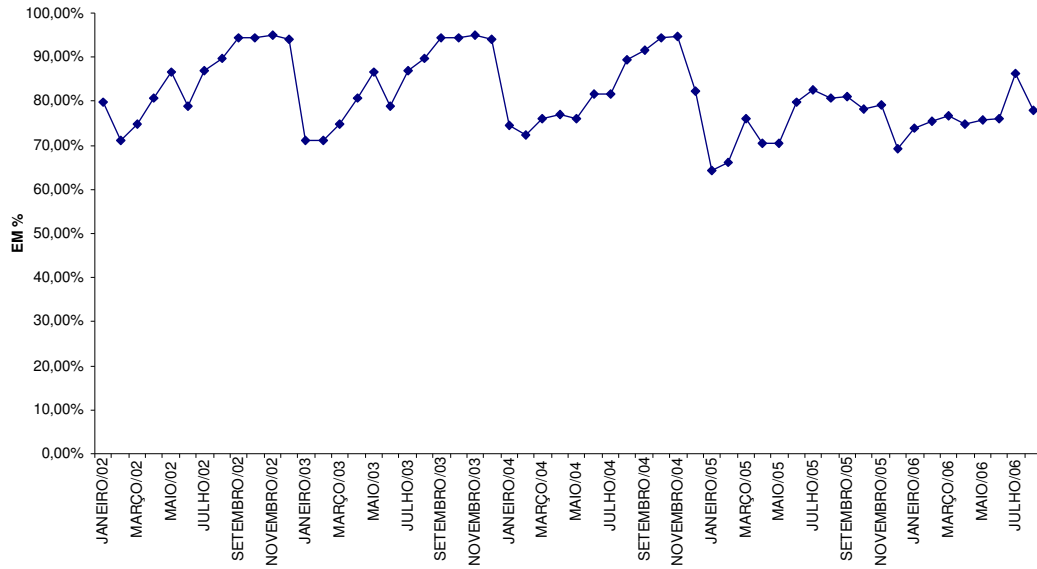
**GRÁFICO 4**  
**Horas trabalhadas na produção - Setor de confecções do Ceará**



Fonte: INDI – FIEC – CNI

Com relação à utilização de capacidade instalada, existe um componente cíclico na variação da ocupação da capacidade, com baixas nos primeiros meses do ano e elevações localizadas no segundo semestre. Dentro do período analisado pelo gráfico 5, após 2005 observam-se quedas sistemáticas no grau de ocupação da capacidade instalada, podendo esta queda ser atribuída ao aumento da produção terceirizada em fábricas, que além de muito difundidas, estão crescendo em porte no grau de especialização da produção (Gráfico 5).

**GRÁFICO 5**  
**Utilização de capacidade instalada, setor de confecções do Ceará.**



Fonte: INDI – FIEC – CNI

#### 4. PROCESSO PRODUTIVO E MÉTODOS DE GERENCIAMENTO

O processo produtivo é composto das seguintes etapas: criação, modelagem (ou corte), montagem (ou costura) e acabamento, sendo que a costura é onde temos a maior intensidade de mão-de-obra, ou seja, onde a tecnologia tem menor incidência. Esta fase concentra 80% do trabalho na atividade.

As inovações tecnológicas no setor concentram-se nas etapas de criação e corte, com utilização de sistemas CAD/CAM (*Computer Aided Design* e *Computer Aided Manufacturing*), conforme pode ser observado no Quadro 2, mas para um número restrito de empresas. A maioria das empresas, porém, ainda está à margem, desenvolvendo de forma quase artesanal a sua produção.

No setor, são dois tipos usuais de modelos de gerenciamento utilizados: um com aspectos baseados em práticas do modelo *Taylorista*, com controle da produção, dissociação da concepção e produção, produção em série, determinação de postos fixos e controle de qualidade. O outro é influenciado pelo modelo *Toyotista*, mais comum em empresas maiores, com processos tipo *just in time*, qualidade total, ilhas de produção, rotatividade de funções e polivalência de mão-de-obra. Vale salientar que este modelo tem sido mais buscado para aplicação, dado sua maior flexibilidade de ajuste da produção às flutuações do mercado. Tem existido como tendência geral do setor uma ampliação da prática de *supply chain*, mas também localizado em poucas grandes empresas, as mais dinâmicas do setor.

## QUADRO 2

## Tecnologias e equipamentos do segmento de confecção

Equipamentos /Tecnologias	Funções
Sistemas de medida volumétrica a laser ( <i>body scanning</i> )	Permitem a leitura das medidas do corpo humano e criam manequins virtuais.
Computador com Computer Aided Design – CAD	Permite o desenvolvimento de modelagem, ampliação e risco, com sistema de simulação em três dimensões.
Enfesteadeira com controle digital	Permite que se façam, com velocidade, enfeitos de alta qualidade. Possui detectores automáticos de defeitos e programação total com diversas velocidades. Enfesta diferentes tipos de tecidos sem tensão alguma e reduz ao mínimo o desperdício.
Plotter a jato de tinta	Permite produção contínua de risco.
Máquinas de corte automático	Permitem corte em tamanhos extralargos e corte unitário.
Sistema com Computer Aided Manufacture – CAM	Sistema de corte computadorizado que pode funcionar integrado com o CAD. Possui sistema especializado para jeans, grande volume de malharia e tecidos planos, confecções finas e pequenos lotes.
Máquina de costura eletrônica (1)	Costura reta eletrônica com lançadeira grande. Permite cortar o fio inferior e superior. Possui levantador de calcador e posicionador de agulha, além de painel digital com múltiplas funções. Aumenta significativamente a produtividade do trabalho e melhora a qualidade do produto.
Máquina de costura eletrônica (2)	Ponto fixo com duas agulhas eletrônicas. Lubrifica automaticamente. Tem posicionador de agulha e calcador automático, corte de fio inferior e superior, além de painel digital com múltiplas funções. Maior velocidade nas operações e melhor padronização dos produtos.
Máquina de costura eletrônica (3)	Efetua transporte triplo 1 com agulha eletrônica. Lubrificação automática. Corte de fio inferior e superior. Painel digital com múltiplas funções, posicionador de agulha e calcador. Maior velocidade nas operações e melhor padronização dos produtos.
Máquina de costura automática (1)	Coloca cós ponto fixo. Efetua corte automático no início e no fim da operação, com desligamento programado no início e no fim, fotocélula para sensor de camada, lubrificação automática e painel digital para programação.
Máquina de costura automática (2)	Coloca frente em camisas. Possui alimentador e fusionador de viés, corta automaticamente o fio anterior e posterior, empilha automaticamente. Painel digital para controle de funções.
Máquina de costura automática (3)	Dotada de um tipo de automação específico para operações básicas, como pregar bolsos e fazer filigranas, bainhas de camisetas, bolsos de vivos e pontas de cós.
Equipamentos flexíveis	Permitem combinar perfis de pesponto, arremates e acabamentos (p.ex.: bolsos), trocando operações rapidamente.
Máquinas com sistema teach-in	Aprendem padrão definido por costureira e repetem operações do padrão.
Carro transportador	Transporta o tecido para o enfeito.
Enfesteadeira automática	Permite corte na extremidade do enfeito e identifica defeitos no risco.
Enfesteadeira automática	Permite corte na extremidade do enfeito e identifica defeitos no risco.
Montagem sem costura	Produção de peças sem costura, em particular lingerie e moda praia.
Bordadeira Eletrônica	Faz a integração da ação mecânica com o computador controlado eletronicamente. Permite rápida e eficiente troca de cor durante o bordado. Assegura pontos precisos. O operador pode trabalhar com doze cores e corte de fios automáticos. Permite a um editor comandar múltiplas máquinas de bordado com desenhos diferentes ou iguais. Maior flexibilidade e melhor qualidade dos bordados.
Bordadeira a laser	Permite bordar tecidos com rapidez e precisão, utilizando diversos desenhos.
Outras: refiladeira eletrônica, máquina de barra e ponto fixo automático, encaixe automático, etiquetadoras automáticas	Permitem maior velocidade nas operações e melhor qualidade do produto.
Equipamentos a vapor e a vácuo	Permitem passar as peças sem rugas, alcançando melhor resultado.
Sistemas de transporte, dobra e ensaque automatizados	Possibilitam transporte, dobra e ensaque automatizado.

Fonte: CNI 2004

Especificamente em relação às características relacionadas ao gerenciamento das empresas do setor de confecções, um item importante é a baixa integração entre a indústria têxtil e de confecções, o que impede um desenvolvimento mais sustentado da CTC como um todo. Também é destaque a baixa capacidade de gerenciamento do setor, o que levou as entidades empresariais do Ceará a realizar um Programa de Desenvolvimento da Indústria da Confecção (PRODIC) em parceria com várias instituições como SEBRAE<sup>1</sup>, Universidade Federal do Ceará - Curso de Estilismo e Moda, Governo do Estado, NUTEC<sup>2</sup>, dentre outros.

Mesmo o referido programa estando restrito ao estado do Ceará, em suas linhas gerais, revelou várias questões no setor, especialmente em relação aos proprietários do setor. As tabelas 6 e 7 revelam informações do patronato onde temos 48,65% dos empreendedores oriundos do comércio e 47,75% oriundos da indústria e 3,60% sem nenhuma experiência anterior. Sobre o nível de escolaridade 50,32% tem ensino médio e 30,28% tem nível superior.

**TABELA 6**  
**Experiência Anterior dos Empresários do setor**

EXPERIÊNCIA ANTERIOR DOS EMPREENDEDORES DA CONFECÇÃO	PERCENTUAIS
COMÉRCIO	48,65%
INDÚSTRIA	47,75%
SEM EXPERIENCIA	3,60%

Fonte: PRODIC UFC 2003

**TABELA 7**  
**Nível de Escolaridade dos Empreendedores**

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS EMPREENDEDORES	PERCENTUAIS
ENSINO FUNDAMENTAL (PRIMEIRO GRAU)	19,40%
ENSINO MÉDIO (SEGUNDO GRAU)	50,32%
SUPERIOR (TERCEIRO GRAU)	30,28%

Fonte: PRODIC UFC, 2003

<sup>1</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas.

<sup>2</sup> Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial, do estado do Ceará.

Neste caso, existe uma necessidade maior de que ocorram dois processos, que devem ocorrer relativamente paralelos: elevação do nível de escolaridade formal, mas ocorrendo também um maior “nivelamento” no que diz respeito ao conhecimento prévio para a abertura de empresa no setor, ou seja, que as práticas mais adequadas de gerenciamento da produção e gestão do empreendimento (englobando a questão financeira, de política de compras, gestão de pessoal, entre outros) possam ter o seu uso mais difundido. Um aumento no grau de escolaridade juntamente com um processo de maior qualificação dos empregadores pode ajudar a melhorar a competitividade das empresas, em especial as nascentes.

Um reflexo deste problema relacionado à capacitação dos empregadores é a dificuldade de integração do setor devido à existência de diversos sindicatos patronais como o Sindicato da Indústria de Confecção de Roupas e Chapéus de Senhora no Estado do Ceará - SINDCONFECÇÕES, Sindicato das Indústrias de Alfaiatarias e Confecções de Roupas de Homens de Fortaleza, Associação dos Lojistas da Monsenhor Tabosa, Associação dos Lojistas do Maraponga Mart Moda dentre outras mais. Estas entidades atuam de forma totalmente isolada o que impossibilita maiores articulações e o desenvolvimento de projetos de maior envergadura, privilegiando a competição ao invés da cooperação.

Como já afirmado anteriormente, a concorrência do setor de confecções no Ceará ocorre por preço em mercados de baixa diferenciação. Se não ocorrerem sinergias positivas intra - setorialmente, a possibilidade de elevação da competitividade do setor se torna mais difícil, dado que isoladamente dificilmente alguma empresa tem possibilidade de, por exemplo, conseguir redução de preços nas compras de matérias-primas (através de cooperativas de compras), programas conjuntos de qualificação, tanto para trabalhadores como para empregadores, ou mesmo um maior acúmulo de poder político.



## 5. O MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE CONFECÇÕES NO CEARÁ

O setor de confecções é composto em sua maioria de micro e pequenas empresas que são responsáveis por uma parcela substancial da produção, esta com baixo conteúdo tecnológico e escala diminuta. Apesar da existência de maquinário e técnicas de produção mais modernas, a maioria absoluta destas micro e pequenas empresas continuam operando com precário sistema de gestão, maquinário simples e uso intensivo em mão-de-obra, que é barata e pouco qualificada. Podemos observar, para o ano de 2004, a distribuição por tamanho das empresas de confecções dos principais estados do Nordeste (tabela 8):

**TABELA 8**  
**Tamanho das empresas formais do setor de confecções no Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia, em número e porcentagem, 2004**

TAMANHO DAS EMPRESAS	CEARÁ		PERNAMBUCO		RIO GRANDE DO NORTE		BAHIA	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Sem vínculo ativo*	2.671	59,3%	1.688	60,5%	340	58,0%	52	10,7%
Micro e pequena	1.792	39,8%	1.096	39,3%	243	41,5%	427	87,9%
Média	38	0,8%	6	0,2%	2	0,3%	7	1,4%
Grande	5	0,1%	1	0,0%	0	0,0%	1	0,2%
Total	4.506	100,0%	2.791	100,0%	586	100,0%	486	100,0%

Considerando aqui micro e pequenas empresas aquelas com até 99 empregados formais; médias com mais de 100 e até 499 empregados e grandes com mais de 500 empregados.

\*: As empresas sem vínculos ativos são aquelas que existem formalmente, mas que não tem (ou não declararam ter) nenhum empregado formalizado (com registro em carteira)..

Fonte: RAIS 2004.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado na tabela acima é a grande concentração de empresas nas micro e pequenas, conforme parágrafo anterior, em especial na Bahia; se não considerarmos as empresas sem vínculo ativo, a faixa de micro e pequenas empresas é dominante em todos os estados analisados para o ano de 2004. Em relação ao grande contingente de empresas sem nenhum vínculo ativo, conforme observado na tabela acima e em especial no Ceará (representa 59,3% do total de empresas do estado), as empresas enquadradas nesta denominação são aquelas que existem formalmente, mas que não possuem nenhum empregado registrado em carteira (emprego formalizado). Uma empresa nessa situação pode indicar quatro questões: 1-) omissão de declaração da empresa para a RAIS do respectivo ano; 2-) a criação de uma entidade jurídica ligada a

uma outra existente com o objetivo de evitar mudança de faixa de contribuição para o imposto de renda para pessoas jurídicas, com um empresário mantendo duas empresas jurídicas mas apenas com uma tendo produção de fato (de forma a “dividir” o faturamento entre as empresas e com isso não sair da faixa de contribuição atual); 3-) esta proporção de empresas sem vínculo pode indicar um considerável grau de informalidade, já que a “pessoa jurídica” existe formalmente, mas os empregados são contratados informalmente (sem carteira assinada) conforme a sazonalidade da produção e 4-) pessoas que criam uma pessoa jurídica com o objetivo de prestação de serviços de forma a se adequar a sazonalidade da produção e/ou mesmo para uma terceirização das atividades. Podemos considerar os dois últimos itens como trabalhos “precários” em comparação ao tipo de atividade de um trabalhador formalizado.

Os últimos dois aspectos abordados no período anterior parecem significativos, já que uma característica comum em toda a cadeia têxtil, não só no Ceará, mas em todo o Brasil é o elevado nível de informalidade da mão-de-obra e precarização do trabalho. Analisando o estoque de emprego no setor, observamos um número reduzido de empregos formais gerados pelo setor de confecções. Os empregos do setor correspondem a um baixo percentual do total de empregos de carteira assinada em cada estado. A última informação referente ao ano de 2005 mostra que os empregos formais no setor representam apenas 3,78%; 2,10% e 1,10% do total de empregos formais dos respectivos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Tabelas 7 e 8 e Gráfico 3).

TABELA 9

**Estoque de Empregos formais do Setor de Confecções para os estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, de 1999 a 2005.**

ESTADOS	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
CEARÁ	26.303	30.632	30.145	29.020	30.433	33.467	34.762
PERNAMBUCO	9.250	9.760	9.308	9.728	9.538	10.658	12.032
RIO G. NORTE.	4.074	4.433	7.243	11.720	9.478	8.792	9.455

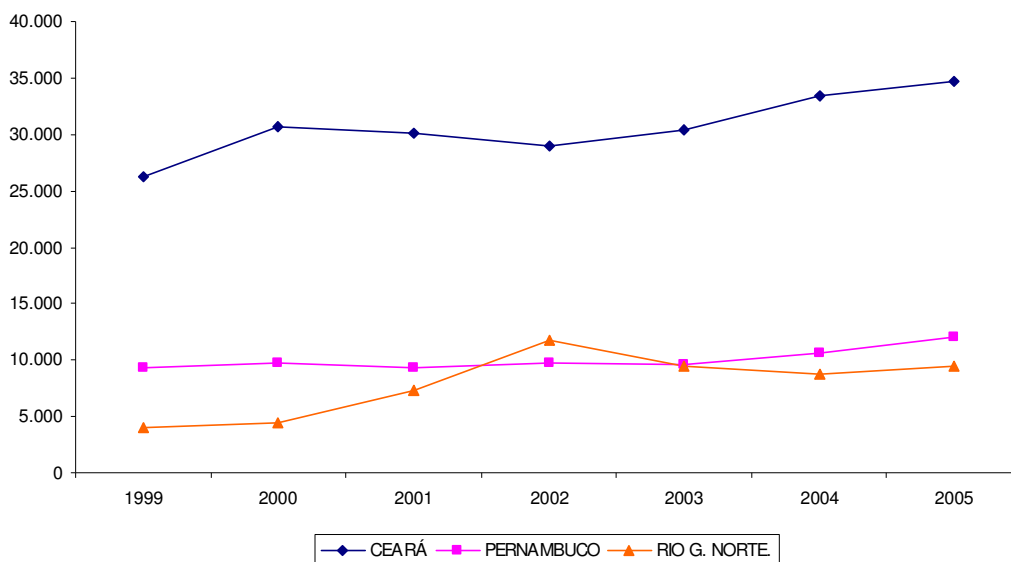
Fonte: RAIS - MTE

**TABELA 10**  
**Percentual de empregos formais no Setor de Confeções do total de empregos formais nos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, de 1999 a 2005**

ESTADOS	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
CEARÁ	3,94%	4,43%	4,16%	3,66%	3,69%	3,89%	3,78%
PERNAMBUCO	1,37%	1,41%	2,15%	3,67%	2,44%	2,09%	2,10%
RIO G. NORTE.	1,08%	1,11%	1,04%	1,03%	0,99%	1,04%	1,10%

Fonte: RAIS - MTE

**GRÁFICO 3**  
**Evolução do Estoque de Empregos no Setor de Confeções - Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte**



Fonte: RAIS - MTE

Com respostas dinâmicas e rápidas às tendências, o setor de confeções sofre efeito de sazonalidade, e este modelo de produção flexível parece, na ótica dos empregadores, o mais adequado. A partir de certa escala as empresas do setor, além de manter em seus quadros um número de trabalhadores fixos, passam a contratar facções (fabricação para terceiros realizada no próprio domicílio), em que as pessoas recebem em casa tecido cortado e passam a realizar a montagem e o acabamento das peças. Sob este aspecto é forte a participação do trabalho feminino e em condições precárias sem qualquer cobertura social.

Com ciclos de produção restrita a alguns meses, de acordo com os produtos lançados em cada estação, se uma empresa cometer algum erro ao lançar seus produtos, pode

fazer com que ele não tenha o volume de vendas esperado, o que, para as empresas de pequeno e médio porte, é suficiente para colocá-las em uma situação de fragilidade financeira que gera impacto negativo para os trabalhadores. Esta realidade se torna mais complexa em estados onde a ação das cooperativas (as chamadas “coopergatos<sup>3</sup>”) e o grau de informalidade são mais intensos.

Especificamente para o estado do Ceará, a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) do estado aponta que as empresas do setor que tem apresentado mais problemas são as chamadas “empresas de fundo de quintal”, possuindo até trinta empregados, dado que é exatamente nelas onde é encontrado maior número de trabalhadores sem carteira assinada e com jornadas excessivas. Já com relação às empresas maiores os problemas são: jornada excedente, trabalho em dias feriados e ergonomia, ou seja, condições inadequadas do meio ambiente de trabalho.

Ainda com relação à ação de fiscalização a DRT, têm sido encontrado muitos problemas com as empresas pequenas por funcionar em residências. Isso limita a ação do fiscal do trabalho de adentrar no local de trabalho, além de existir uma restrição legal, dado que as pequenas e médias empresas são isentas de ter mecanismos de controle de jornada como livro de ponto, dificultando o poder de autuação nos casos de jornadas excessivas<sup>4</sup>.

A partir de informações disponibilizadas pelo Sistema Federal de Inspeção do Trabalho SFIT sobre fiscalização no Ceará, encontra-se uma forte concentração destas ações localizadas na capital Fortaleza, onde está a maioria das empresas do setor. Segundo a própria Delegacia estas ações são mais intensificadas no segundo semestre dado que é este o período de pico da produção. Nas Tabelas 11 e 12 verificamos no total das ações fiscais uma queda significativa. Em 2003 foram realizadas 1.325 ações de fiscalização e em 2005 apenas 960, segundo a DRT a queda é resultado das ações da Procuradoria Geral do Trabalho (PRT) e DRT e do fechamento de algumas cooperativas irregulares do Ceará. Com relação aos resultados do elevado número de ações fica claro o pequeno número de regularizações dos problemas encontrados nas empresas como também é

<sup>3</sup> O termo “coopergato” significa cooperativas de fachada que atuam na verdade como terceiros para outras empresas (e não como cooperativas propriamente ditas), criadas para “driblar” a legislação trabalhista em vigor no país.

<sup>4</sup> A lei que isenta de mecanismos de controle de horário para micro empresas é a Lei nº. 9.481 / 99.

pequeno o número de registro de trabalhadores em consequência destas fiscalizações. Esta realidade é constatada tanto nos dados do estado como na capital.

**TABELA 11**  
**Setor Confeções - Fiscalização direta e indireta da DRT do estado do Ceará, anos de 2003 a 2006\***

ANO	TOTAL AÇÕES FISCAIS		RESULTADOS - ATRIBUTO REGISTRO		
	QUANTIDADE	ALCANÇADOS	REGULARIZAÇÕES	AUTUAÇÕES	REGISTRADOS
2006 *	920	37.694	182	10	1.110
2005	960	47.157	274	6	1.878
2004	1.088	46.820	372	2	1.816
2003	1.325	122.079	368	11	1.828

Fonte : Sistema Federal de Inspeção do Trabalho SFIT

\* Dados totalizados de janeiro a agosto de 2006

**TABELA 12**  
**Setor de Confeções - Fiscalização direta e indireta da DRT – Fortaleza, nos anos de 2003 a 2006\***

ANO	TOTAL AÇÕES FISCAIS		RESULTADOS - ATRIBUTO / REGISTRO		
	QUANTIDADE	ALCANÇADOS	REGULARIZAÇÕES	AUTUAÇÕES	REGISTRADOS
2006 *	795	27.020	141	9	852
2005	805	37.453	200	6	1.248
2004	939	34.948	292	2	1.082
2003	1.188	109.001	306	10	1.309

Fonte: Sistema Federal de Inspeção do Trabalho SFIT

\* Dados totalizados de janeiro a agosto de 2006

Os dados da Tabela 13, a seguir, mostram que mesmo com os esforços das autoridades, do poder público do trabalho, o número de cooperativas no Nordeste aumentou de 23 para 32 entre os anos de 1999 a 2005. No estado do Ceará este número cresceu de 4 para 9, no Rio Grande do Norte ficou estável e no estado de Pernambuco após atingir seu pico em 2002 vem sendo reduzida, conforme período analisado (Gráfico 4).

**TABELA 13**  
**Evolução do número de Cooperativas de Confeção no Nordeste,**  
**de 1999 a 2005**

UF	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999
CEARÁ	9	0	4	3	2	4	4
RIO GRANDE DO NORTE	1	2	1	1	1	0	1
PERNAMBUCO	5	4	6	12	6	8	7
ALAGOAS	0	0	0	0	0	0	1
SERGIPE	8	8	5	5	6	6	6
BAHIA	9	6	2	2	1	1	0
MARANHÃO	4	4	4	3	3	3	2
PIAUI	2	1	2	0	1	1	1
PARAÍBA	4	1	2	5	1	3	1
TOTAL	32	26	26	31	21	26	23

Fonte: RAIS, 1999 a 2005

Segundo a OIT o conceito de “Trabalho Decente” é qualquer ocupação produtiva adequadamente remunerada e exercida em condições de liberdade, equidade, segurança e que seja capaz de garantir uma vida digna para as pessoas de modo a satisfazer tanto as necessidades pessoais do trabalhador como de sua família com relação à alimentação, educação, saúde, moradia, segurança, desemprego acidente, aposentadoria dentre outros. Os trabalhadores do setor de confecção estão longe disto. O setor gera renda insuficiente para que os indivíduos e suas famílias superarem a situação de pobreza, além de desenvolver atividades insalubres, perigosas, inseguras e/ou degradantes.

A representação dos trabalhadores no Ceará é constituída de quatro sindicatos de trabalhadores quais sejam: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Confeções Femininas e Moda Intima de Fortaleza; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Confeção de Roupas Masculina, Feminina, Infante-Juvenil, Profissional e Unissex de Horizonte; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Confeção em Geral de Aquiraz, Barbalha, Caucaia, Horizonte, Pacajús, Pacatuba e Sobral e Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras, e Trabalhadores nas Indústrias de Confeções de Roupas de Fortaleza.

Com relação à representação patronal temos dois sindicatos, são eles: Sindicato da Indústria de Confeção de Roupas e Chapéus de Senhora no Estado do Ceará – SINDCONFECÇÕES e Sindicato das Indústrias de Alfaiatarias e Confeções de Roupas de Homens de Fortaleza.

Analisando as quatro últimas Convenções Coletivas de Trabalho do setor no Ceará de 2004 a 2006 conforme (tabelas 14, 15, 16 e 17) observamos resultados bem acima da média das convenções coletivas dos demais sindicatos operários, sendo que três destas convenções têm conteúdo idêntico e valores iguais para pisos e reajustes. A exceção vem do sindicato dos alfaiates com resultados de ganho real bem acima, tanto da média nacional como também da média do estado, segundo balanço das negociações do DIEESE.

Estes resultados revelam que boa parte da remuneração dos trabalhadores do setor não está nas CCT's nem nas carteiras de trabalho. Os trabalhadores são pagos de forma informal como cesta básica, que geralmente estão atreladas a uma escala de abstencionismo de faltas, horas extras pagas acima do que rege a lei, prêmios por atingir certa meta de produção, entre outros.

Um aspecto importante a ser considerado em relação aos pisos, conforme as tabelas revelam, é sua evolução acima da inflação nos últimos anos, fator diretamente relacionado aos aumentos reais que o salário mínimo vem obtendo, especialmente no período mais recente. Com ganhos acima da inflação, o salário mínimo acaba forçando, ainda que indiretamente, ganhos reais também nos pisos das categorias.

**TABELA 14**  
**Desempenho das Negociações Sindicato da Confeção Feminina Fortaleza**

Anos	Sindicato Laboral	Sindicato Patronal	Salário Mínimo	Data-base	INPC	Reajuste	Ganho/Perda	Piso de auxiliares e trabalhadores não qualificados	Costureiras
2004	Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Confeções Femininas e Moda Intimam de Fortaleza.	Sindicato da Indústria de Confeção de Roupas e Chapéus de Senhora no Estado do Ceará - SINDCONFECÇÕES	R\$260,00	Maio	5,40%	7,00%	1,52%	R\$ 269,50	R\$ 280,83
2005		R\$300,00	Maio	6,61%	7,00%	0,37%	R\$ 309,90	R\$ 322,50	
2006		R\$350,00	Maio	3,34%	7,00%	3,54%	R\$ 360,00	R\$ 372,60	

Fonte: CCT

**TABELA 15**  
**Desempenho das Negociações Sindicato da Confeção Horizonte**

Anos	Sindicato Laboral	Sindicato Patronal	Salário Mínimo	Data-base	INPC	Reajuste	Ganho/Perda	Piso de auxiliares e trabalhadores não qualificados	Costureiras
2004	Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Confeção de Roupas Masculina, Feminina, Infanto-Juvenil, Profissional e Unissex de Horizonte.	Sindicato da Indústria de Confeção de Roupas e Chapéus de Senhora no Estado do Ceará	R\$260,00	Maio	5,40%	7,00%	1,52%	R\$ 269,40	R\$ 280,80
2005		R\$300,00	Maio	6,61%	7,00%	0,37%	R\$ 309,90	R\$ 322,50	
2006		R\$350,00	Maio	3,34%	7,00%	3,54%	R\$ 360,00	R\$ 372,60	

Fonte: CCT



**TABELA 16**  
**Desempenho das Negociações Sindicato Confeção Sobral**

Anos	Sindicato Laboral	Sindicato Patronal	Salário Mínimo	Data-base	INPC	Reajuste	Ganho/Perda	Piso de auxiliares e trabalhadores não qualificados	Costureiras
2004	Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de	Sindicato da Indústria de	R\$260,00	Maio	5,40%	7,00%	1,52%	R\$ 269,40	R\$ 280,80
2005	Confeção em Geral de Aquiraz, Barbalha, Caucaia, Horizonte, Pacajús, Pacatuba e Sobral	Roupas e Chapéus de Senhora no Estado do Ceará - SINDCONFECÇÕES	R\$300,00	Maio	6,61%	7,00%	0,37%	R\$ 309,90	R\$ 322,50
2006			R\$350,00	Maio	3,34%	7,00%	3,54%	R\$ 360,00	R\$ 372,60

Fonte: CCT

**TABELA 17**  
**Desempenho das Negociações Sindicato dos Alfaiates**

Anos	Sindicato Laboral	Sindicato Patronal	Salário Mínimo	Data-base	INPC	Reajuste até limite do piso das costureiras	Ganho/Perda	Reajuste para os demais salários	Ganho/Perda	Oficiais Alfaiates	Costureira	Calceiro	Buteiro	Auxiliares Diversos
2004	Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras, e Trabalhadores nas Indústrias de Confecções de Roupas de Fortaleza.	Sindicato das Indústrias de Alfaiatarias e Confecções de Roupas de Homens de Fortaleza	R\$ 260,00	Maio	5,40%	11,00%	5,31%	9,00%	3,42%	R\$548,00	R\$306,00	R\$357,00	R\$306,00	R\$284,00
2005*			R\$ 300,00	Maio	6,61%	14,00%	4,12%	12,00%	5,06%	R\$630,00	R\$350,00	R\$410,00	R\$350,00	R\$325,00
2006			R\$ 350,00	Maio	3,34%	12,00%	8,38%	12,00%	8,38%	R\$699,00	R\$392,00	R\$455,00	R\$390,00	R\$ 365,00

Fonte: CCT

\* Este ano limitado até R\$ 600,00

Agora nos voltando exclusivamente para os indicadores dos trabalhadores formais do setor de confecções, baseado nas informações disponíveis na RAIS no Ministério do Trabalho e Emprego, iremos analisar a situação dos empregados do setor comparando os anos de 1995 e 2004, para o estado do Ceará. Sabemos de antemão de que a mão-de-obra é predominantemente feminina (77,2% no ano de 2004) e que não houve mudanças na proporção entre o sexo masculino e feminino entre 1995 a 2004, além do fato do Ceará possuir o maior estoque de empregados formais do setor no Nordeste (48,8% em 2004).

O primeiro ponto que iremos levantar é o relacionado à concentração dos empregos formais conforme cidade do estado. Conforme se verifica na tabela 18 a seguir, existe uma grande concentração do emprego formal no setor na cidade de Fortaleza (a capital do estado), com 74,5% do total de empregados formais do setor no estado, sendo seguido por Maracanaú e Paracatuba. No geral, houve um incremento no número de empregados formais de 74,7% entre 1995 e 2004 (de 19.152 passou de 33.467), inferior ao verificado no restante do Nordeste, de 77,5% (de 19.798 em 1995 passou para 33.140 em 2004).

TABELA 18

**Distribuição do emprego formal no setor de confecções no estado do Ceará, conforme cidade, nos anos de 1995 e 2004, e a variação percentual entre o período.**

MUNICÍPIO	1995		2004		Var % 2004/1995
	Nº. Trab	% Trab	Nº. Trab	% Trab	
Fortaleza	15.237	79,56%	24.945	74,54%	63,7%
Maracanaú	2.218	11,58%	1.766	5,28%	-20,4%
Paracatuba	14	0,07%	1.534	4,58%	10857,1%
Maranguape	357	1,86%	886	2,65%	148,2%
Horizonte	711	3,71%	831	2,48%	16,9%
Pacajus	17	0,09%	500	1,49%	2841,2%
Juazeiro do Norte	61	0,32%	490	1,46%	703,3%
Cascavel	51	0,27%	438	1,31%	758,8%
Caucaia	33	0,17%	250	0,75%	657,6%
Eusébio	15	0,08%	214	0,64%	1326,7%
Crato	9	0,05%	200	0,60%	2122,2%
Sobral	101	0,53%	159	0,48%	57,4%
Barbalha	0	0,00%	152	0,45%	0,0%
Aquiraz	5	0,03%	133	0,40%	2560,0%
Frecheirinha	7	0,04%	120	0,36%	1614,3%
Chorozinho	0	0,00%	119	0,36%	0,0%
Tabuleiro do Norte	10	0,05%	105	0,31%	950,0%
Demais Municípios (*)	306	1,60%	625	1,87%	104,2%
<b>Total geral</b>	<b>19.152</b>	<b>100,00%</b>	<b>33.467</b>	<b>100,00%</b>	<b>74,7%</b>

Fonte: RAIS 1995 e 2004.

\*: 40 municípios

Um outro aspecto importante da tabela acima é a diminuição da porcentagem da cidade de Maracanaú, que era de 11,6% em 1995 e no ano de 2004 foi de 5,3%. Como Fortaleza, apesar de ainda concentrar a maior parte dos empregados formais do setor, também apresentou queda, podendo ser considerado que esta havendo um início de desconcentração do emprego formal no estado, já que no ano de 2004 oito cidades tinham mais de 1% dos empregados e no ano de 1995 apenas quatro tinham. Se esse processo vai continuar ou não, será necessário atenção aos desdobramentos deste movimento nos próximos anos.

Em relação à distribuição do emprego formal do setor de confecções no estado do Ceará, tem ocorrido um processo de fragmentação das empresas, já que elas aumentaram em quantidade, mas por outro lado, esse aumento na quantidade tem se deslocado para as micro e pequenas empresas. Corroborando o fato está o aumento na proporção de empregos formais nas micro e pequenas empresas em detrimento das médias e grandes, conforme a tabela abaixo, que analisa a distribuição do emprego conforme tamanho do estabelecimento (ou empresa) para a cidade de Fortaleza, para o restante dos municípios do estado e para o estado do Ceará como um todo.

**TABELA 19**

**Distribuição do emprego formal no setor de confecções segundo tamanho do estabelecimento, na cidade de Fortaleza e para o restante do estado do Ceará, além da região Nordeste\* nos anos de 1995 e 2004, em %.**

Faixa Tamanho Estabelecimento	Fortaleza		Demais Municípios		Ceará		Nordeste*	
	1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
Micro e pequena	49,8%	67,3%	15,4%	44,3%	42,8%	61,4%	52,2%	68,2%
Média	21,2%	12,9%	37,2%	28,6%	24,4%	16,9%	27,0%	11,3%
Grande	29,0%	19,8%	47,4%	27,1%	32,8%	21,7%	20,8%	20,4%

\*: Nordeste exclui o Ceará.

Considerando aqui micro e pequenas empresas aquelas com até 99 empregados formais; médias com mais de 100 e até 499 empregados e grandes com mais de 500 empregados.

Fonte: RAIS 1995 e 2004.

Conforme é observado na tabela acima, houve uma considerável diminuição do emprego formal nas médias e grandes empresas, com conseqüente aumento dos postos de trabalho localizados nas micro e pequenas empresas, aumento esse considerável na cidade de Fortaleza (que concentra a maior parte dos empregados do setor no estado),

mas menor, em termos percentuais, do que o observado nos demais municípios do estado (um aumento de quase 30% no período entre 1995 e 2004). No estado como um todo, para o ano de 2004, a maior parte dos postos de trabalho estão localizados nas micro e pequenas empresas (61,4%), seguido da porcentagem de empregados nas grandes (21,7%) e depois das médias (16,9%).

Apesar do aumento da proporção do emprego formal nas micro e pequenas empresas, não ocorreu uma mudança substancial no que diz respeito ao tempo de permanência no trabalho. A tabela a seguir mostra um aumento de 0,2% nos empregados que estão no emprego atual a menos de 1 ano para o estado como um todo, com aumento de 1,1% para a cidade de Fortaleza e diminuição de 4,6% para as demais cidades do estado, no período de 1995 a 2004. Ocorreram também diminuições para a cidade de Fortaleza para as faixas de tempo de permanência no emprego atual que vai de 1 a 2,9 anos, de 5 a 10 anos e mais de 10 anos, com aumento apenas na faixa que vai de 3 a 4,9 anos (passando de 12,3% em 1995 para 17,7% em 2004).

Nas demais cidades do estado, as mudanças nas proporções também ocorreram nas mesmas faixas, assim como para o estado como um todo. Em comparação ao Nordeste como um todo (sem considerar o estado do Ceará), para o ano de 2004, a rotatividade do emprego no estado do Ceará é maior, dado que a proporção dos empregados nas faixas inferiores (até 2,9 anos) é inferior, sendo que na maior (mais de 10 anos) a proporção do Nordeste é maior (4,1% e 2,8%). Importante observar que quanto menor é o tempo de permanência no emprego, menores são os rendimentos aferidos pelo empregado; portanto, um aumento na rotatividade do emprego também significa menores rendimentos médios.

TABELA 20

**Distribuição do emprego formal no setor de confecções em Fortaleza e no Ceará  
segundo tempo de permanência no emprego atual**

Faixa Tempo Emprego	Fortaleza		Demais Municípios		Ceará		Nordeste*	
	1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
Menos de 1 ano	34,4%	35,5%	44,9%	40,3%	36,5%	36,7%	35,7%	34,4%
De 1 a 2,9 anos	31,9%	30,6%	32,0%	30,5%	32,0%	30,6%	34,5%	29,1%
De 3 a 4,9 anos	12,3%	17,7%	9,4%	16,7%	11,7%	17,4%	11,7%	20,1%
De 5 a 10 anos	15,7%	12,9%	11,7%	11,3%	14,9%	12,5%	14,4%	12,2%
Mais de 10 anos	5,7%	3,3%	2,0%	1,2%	4,9%	2,8%	3,7%	4,1%

\*: Exclui o Ceará

Fonte: RAIS 1995 e 2004

Em relação ao grau de instrução, podemos observar na tabela a seguir que houve um aumento considerável na escolaridade, já que a faixa dominante no estado como um todo no ano de 1995 era o fundamental incompleto (52,7%) e em 2004 a faixa predominante era a de fundamental completo e ensino médio incompleto, com 48,6%, com um crescimento considerável dos empregados com ensino médio completo. Em comparação ao Nordeste (sem considerar o estado do Ceará), os empregados formais cearenses do setor são mais escolarizados, já que 74,8% possuíam pelo menos o ensino fundamental completo, sendo que os trabalhadores do Nordeste na mesma faixa eram 67,8%, dados para o ano de 2004. Dentro do estado do Ceará, proporcionalmente a cidade de Fortaleza tem empregados menos escolarizados que o restante dos municípios, independente do ano comparado. Os empregados com ensino médio completo apresentaram aumento considerável tanto no Ceará como no Nordeste, mas por outro lado a proporção de trabalhadores com ensino superior permaneceu relativamente estável no período de 1995 a 2004.

TABELA 21

**Distribuição dos empregados formais do setor de confecções do estado do Ceará e do Nordeste\* segundo grau de escolaridade, entre os anos de 1995 e 2004 (%)**

Faixas de escolaridade	Fortaleza		Demais Municípios		Ceará		Nordeste*	
	1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
Analfabeto	4,1%	0,7%	0,8%	0,4%	3,4%	0,6%	2,6%	0,8%
Fundamental incompleto	54,4%	26,5%	46,1%	19,0%	52,7%	24,6%	43,4%	31,4%
Fundamental completo e médio incompleto	28,0%	47,9%	39,3%	50,6%	30,3%	48,6%	36,9%	37,1%
Médio completo	11,5%	23,5%	11,5%	28,3%	11,5%	24,7%	15,1%	29,2%
Superior incompleto	1,3%	0,8%	1,0%	0,8%	1,2%	0,8%	1,2%	0,8%
Superior completo	0,7%	0,7%	1,3%	1,0%	0,8%	0,8%	0,7%	0,7%

\*: Exclui o Ceará

Fonte: RAIS 1995 e 2004

Na distribuição dos empregados formais do setor por faixa etária, observa-se no estado do Ceará um aumento considerável na faixa etária que vai de 40 a 49 anos, da ordem de 6,7%, e entre os empregados entre 50 e 64 anos, de 2,4%, entre o período de 1995 a 2004. No estado, pode-se dizer que tem ocorrido um processo de “envelhecimento” da mão-de-obra, já que nas faixas etárias inferiores (até 39 anos) têm ocorrido uma diminuição na proporção de empregados. Comparando o estado com o restante do Nordeste, pode-se considerar a distribuição dos empregados formais do setor por faixas etárias semelhante, apresentando uma diferença significativa apenas na faixa etária que vai dos 50 aos 64 anos (4,9% no Ceará e 6,1% no restante do Nordeste)

TABELA 22

**Distribuição dos empregados formais no setor de confecções no Ceará e no resto do Nordeste, conforme faixa etária, entre os anos de 1995 e 2004, em %**

Faixa Etária	Fortaleza		Demais Municípios		Ceará		Nordeste*	
	1995	2004	1995	2004	1995	2004	1995	2004
ATE 17	1,5%	1,0%	2,5%	0,3%	1,7%	0,8%	1,3%	0,9%
18 A 24	22,8%	17,7%	32,3%	32,4%	24,7%	21,5%	25,1%	22,7%
25 A 29	23,7%	18,5%	23,7%	23,6%	23,7%	19,8%	21,0%	19,0%
30 A 39	35,8%	35,5%	30,7%	28,5%	34,8%	33,7%	32,0%	31,9%
40 A 49	13,3%	21,5%	9,3%	12,8%	12,5%	19,3%	16,3%	19,4%
50 A 64	2,8%	5,8%	1,4%	2,3%	2,5%	4,9%	4,1%	6,1%
65 OU MAIS	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%

\*: Exclui o Ceará

Fonte: RAIS 1995 e 2004

Sobre o rendimento médio dos trabalhadores do setor de confecções no Ceará, ele teve uma variação real negativa de 10,5% entre 1995 a 2004, sendo para este último ano de R\$ 394,80. Esse valor corresponde ao segundo maior rendimento médio do setor na região Nordeste, superado apenas pelo estado do Rio Grande do Norte (R\$ 563,87). Porém, uma observação importante, conforme é observado na tabela a seguir, que o rendimento médio dos empregados formais do setor no Ceará é inferior à média do Nordeste como um todo, que é de R\$401,18 (variação real negativa de 1,5% entre 1995 e 2004), sendo que o mesmo dado para o ano de 1995 era superior.

**TABELA 23**

**Rendimentos médios dos empregados formais do setor de confecções na região Nordeste, entre 1995 e 2004, em Reais (R\$).**

UF	1995		2004		Variação 95/04	
	Trab.	Rend. Média (R\$)	Trab.	Rend. Média (R\$)	variação real Rend. Méd.	Nº. trab.
AL	278	121,69	355	296,39	16,9%	27,7%
BA	4.768	181,42	7.107	338,05	-10,6%	49,1%
CE	19.152	211,82	33.467	394,80	-10,5%	74,7%
MA	227	126,89	692	306,62	16,0%	204,8%
PB	2.573	206,76	2.119	350,56	-18,6%	-17,6%
PE	4.895	182,77	10.658	381,77	0,2%	117,7%
PI	3.537	164,45	3.212	343,07	0,1%	-9,2%
RN	3.105	184,01	8.792	563,87	47,1%	183,2%
SE	415	117,60	2.205	326,29	33,2%	431,3%
Total	38.950	195,45	68.607	401,18	-1,5%	76,1%

Fonte: RAIS 1995 e 2004. Cálculo da variação real do rendimento médio em relação ao Índice Nacional de preço ao consumidor (INPC), do IBGE.

Em relação ao rendimento médio, tamanho do estabelecimento (ou empresa) em função do número de empregados, sexo e localidade, para o estado do Ceará, podemos observar uma característica importante: de que as mulheres (apesar do seu predomínio numérico) recebem menos que os empregados do sexo masculino. Também é importante observar que os trabalhadores das empresas com menos trabalhadores são os que recebem menos, assim como os trabalhadores que estão fora da capital do estado. No geral (com pequenas exceções), os empregados formais que tem os menores rendimentos médios são aqueles do sexo feminino, que trabalham em empresas com até 4 empregados (micro empresas) e localizados fora de Fortaleza.



TABELA 24

Distribuição dos empregados formais do setor de confecções no Ceará, segundo rendimento médio, sexo e tamanho do estabelecimento, entre 1995 e 2004, em Reais (R\$).

Tamanho Estabelecimento (em nº. de empregados)	1995						2004					
	Fortaleza			Demais Municípios			Fortaleza			Demais Municípios		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
ATE 4	122,67	135,37	124,24	95,70	119,47	100,95	313,60	336,86	318,76	279,69	369,10	294,18
DE 5 A 9	124,37	265,06	141,86	98,61	101,25	98,81	306,03	324,57	309,62	268,77	321,99	277,58
DE 10 A 19	130,87	142,96	132,71	113,30	161,90	123,35	305,09	327,83	309,21	288,10	304,96	291,01
DE 20 A 49	142,68	171,38	147,66	131,29	110,74	126,01	321,33	345,99	326,70	288,42	315,83	293,63
DE 50 A 99	148,54	232,66	168,89	122,25	199,22	161,44	314,94	363,64	325,72	338,10	371,37	346,17
DE 100 A 249	195,14	397,02	252,07	198,68	273,19	225,31	375,16	472,24	403,20	336,64	455,71	367,60
DE 250 A 499	214,30	323,95	244,60	200,31	314,24	224,77	404,16	517,37	446,48	359,84	365,99	361,81
DE 500 A 999	293,87	343,54	308,33	85,71	122,99	102,38	344,74	467,81	382,76	374,31	458,29	398,06
1000 OU MAIS	267,78	580,77	309,21	180,75	435,93	269,67	811,69	1.277,71	902,89	407,54	691,52	475,90
Total	189,42	314,60	214,70	162,64	277,83	200,63	386,55	479,07	407,41	334,38	433,58	357,91

Fonte: RAIS 1995 e 2004. Valores Nominais

TABELA 25

**Distribuição dos empregados formais do setor de confecções no Ceará, segundo rendimento médio, sexo e grau de instrução, entre 1995 e 2004, em Reais (R\$).**

Grau de Instrução	1995						2004					
	Fortaleza		Total	Demais Municípios		Total	Fortaleza		Total	Demais Municípios		Total
	Mulheres	Homens		Mulheres	Homens		Mulheres	Homens		Mulheres	Homens	
ANALFABETO	158,92	188,79	165,19	128,94	173,00	148,22	335,77	387,38	352,36	293,91	323,93	304,23
4.SER COMP	154,75	196,35	162,08	123,06	178,09	142,41	346,04	405,00	358,66	287,12	296,69	288,92
4.SER INCOMP	149,98	207,16	162,56	159,39	207,73	173,33	358,29	452,95	380,75	292,71	304,92	294,92
8.SER COMP	175,85	264,38	192,38	131,95	170,59	145,18	346,27	385,28	354,26	329,77	391,88	343,61
8.SER INCOMP	189,10	235,97	197,36	145,36	197,46	159,43	422,72	497,43	437,16	295,32	348,49	307,09
2.GR INCOMP	208,38	307,87	229,33	186,82	291,54	219,29	379,76	416,50	388,46	307,52	356,57	319,69
2.GR COMP	254,96	456,93	308,41	308,70	445,23	366,94	406,87	500,02	431,55	353,28	413,71	368,49
SUP. INCOMP	241,29	549,50	353,93	294,06	719,95	512,76	510,41	1.532,79	913,01	753,07	846,18	788,88
SUP. COMP	1.135,75	2.155,95	1.698,29	721,76	1.929,69	1.510,61	1.324,65	2.300,99	1.679,15	1.201,83	2.626,64	1.865,66
IGNORADO	121,47	140,20	124,44	100,47	105,19	101,95	0	0	0	0	0	0
Total	189,42	314,60	214,70	162,64	277,83	200,63	386,55	479,07	407,41	334,38	433,58	357,91

Fonte: RAIS 1995 e 2004. Valores Nominais

TABELA 26

**Distribuição dos empregados formais do setor de confecções no Ceará, segundo rendimento médio, sexo e grau de instrução, entre 1995 e 2004, em Reais (R\$).**

Tempo Emprego (meses)	1995						2004					
	Fortaleza			Demais Municípios			Fortaleza			Demais Municípios		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
ATE 2,9	137,42	208,19	154,60	127,71	157,90	141,23	307,42	324,00	311,72	312,84	335,52	318,68
3,0 A 5,9	140,43	218,16	158,15	107,27	206,01	144,53	346,18	341,35	344,95	328,93	385,95	345,37
6,0 A 11,9	157,52	230,56	173,79	142,90	231,69	173,96	341,61	382,12	351,57	322,37	358,32	332,31
12,0 A 23,9	167,10	245,75	183,26	147,08	288,88	194,62	331,81	395,30	346,30	314,71	387,53	332,51
24,0 A 35,9	193,38	298,27	213,07	170,87	326,65	216,52	355,64	382,37	361,55	332,91	401,92	348,49
36,0 A 59,9	200,29	372,91	231,90	207,72	403,94	259,44	486,40	725,98	536,75	343,46	507,05	373,78
60,0 A 119,9	237,18	496,06	280,60	229,91	485,03	288,40	438,99	620,27	471,57	387,48	832,58	469,88
120 OU MAIS	339,92	738,07	414,86	235,00	499,14	306,12	590,68	1.250,09	721,77	408,74	616,53	456,06
IGNORADO	-	112,00	37,33	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total geral	189,42	314,60	214,70	162,64	277,83	200,63	386,55	479,07	407,41	334,38	433,58	357,91

Fonte: RAIS 1995 e 2004. Valores Nominais

Ainda sobre os rendimentos médios, outro perfil a ser analisado é o relacionado ao grau de instrução do empregado formal do setor no estado do Ceará. Apesar de ainda possuírem os maiores rendimentos médios, os empregados do sexo masculino com nível superior na cidade de Fortaleza apresentaram uma queda no rendimento médio real de 48,8% entre 1995 e 2004. Apresentaram uma perda real de 55,4% entre 1995 e 2004 os empregados do sexo masculino com o ensino médio completo e que não estavam na cidade de Fortaleza.

No geral, os maiores aumentos nos rendimentos médios reais entre 1995 e 2004 se localizaram na cidade de Fortaleza, sendo que para os homens o maior aumento foi para os que possuíam ensino superior incompleto (33,8%), e para os empregados do sexo feminino o maior aumento no rendimento médio no grau de instrução fundamental incompleto (4ª Série incompleta, com 14,7%). Já nas demais cidades do estado, os maiores aumentos reais nos rendimentos médios entre 1995 e 2004, segundo grau de instrução foram, para os empregados do sexo masculino, para os que possuíam ensino fundamental completo (8ª série, com 10,2% no período), e para os empregados do sexo feminino, o maior aumento segundo grau de instrução foi para quem tinha o ensino superior incompleto (8,27%). No geral, as maiores perdas reais no rendimento médio segundo grau de instrução para Fortaleza foi para os empregados formais com superior completo (este apresentou queda de 52,5% entre 1995 e 2004) e para os empregados formais de outras cidades do estado tiveram queda de 51,8% para os empregados com ensino médio completo. Os maiores aumentos reais foram respectivamente de 23,8% para os de ensino superior incompleto e 13,6% para os de ensino fundamental completo (8ª série).

Resumidamente, os trabalhadores com maiores rendimentos médios são de sexo masculino, com grau de instrução superior completo e da cidade de Fortaleza. Porém, os maiores aumentos dos rendimentos médios no período foram para os menores graus de instrução e presentes nas cidades do estado do Ceará, provocando uma diminuição (que pode ser passageira ou não devido a questões conjunturais) do leque salarial dos trabalhadores formais do setor. Os aumentos no grau de escolarização não necessariamente significaram aumentos nos rendimentos médios.

Por último, ainda sobre os rendimentos médios, mas agora em relação ao tempo de permanência no emprego atual, a característica principal é que os empregados formais com mais tempo de permanência no seu emprego atual são que apresentam os maiores rendimentos médios, independente do ano analisado (porém ocorrendo algumas exceções entre faixas intermediárias de tempo de permanência). Também é característica que os empregados formais da cidade de Fortaleza, neste critério, também apresentam maiores rendimentos médios que os das demais cidades do estado.

Especificamente na cidade de Fortaleza, os maiores aumentos reais e/ou menores perdas reais nos rendimentos médios entre 1995 e 2004, segundo tempo de permanência no emprego, atual foram para os empregados formais do sexo feminino que estão na faixa entre 3 a menos de 6 meses (aumento de 18,3% no período) e para os empregados do sexo masculino que estão de 3 a menos de 5 anos (queda de 6,6% no período). As maiores perdas reais no rendimento médio para as mulheres foi de 16,6% para as que estão a mais 10 anos no mesmo emprego e para os homens os que estão entre 5 e 10 anos no mesmo emprego (queda de 40%). No geral, os maiores aumentos reais nos rendimentos médios estão para os empregados formais que estão entre 3 a 5 anos no mesmo emprego (11,1%) e as maiores perdas reais para os que estavam entre 5 a 10 anos no mesmo emprego, no período entre 1995 e 2004 (19,3%).

Para as demais cidades do estado, para os empregados do sexo feminino, entre 1995 e 2004 os maiores aumentos reais nos rendimentos médios foram para os que estão de 3 a 6 meses no mesmo emprego (aumento de 47,1%) e a maior perda para os que estão entre 3 a 5 anos no mesmo emprego (perda de 20,7%). Já para os homens, o maior aumento nos rendimentos médios foram para os que acabaram de ingressar no emprego atual, no período inferior a 3 meses (aumento de 2,0%) e maiores perdas dos rendimentos médios entre 1995 e 2004 foi para os que estão entre 2 a 3 anos no mesmo emprego (queda de 41,0%). No geral, para as demais cidades do estado do Ceará, os maiores aumentos reais dos rendimentos médios entre 1995 e 2004, segundo tempo de permanência no emprego atual foram para os que estão entre 3 a 6 meses no mesmo emprego (aumento de 14,7%) e as maiores perdas para os que estão entre 3 a 5 anos no emprego atual (queda de 30,8%).

Os empregados com mais tempo de serviços possuem maiores rendimentos médios e/ou escolaridade e nas maiores empresas, decorrentes do maior domínio do processo produtivo e pela menor fragilidade financeira das maiores empresas do setor, mas com contínuo aumento do número de empregados do setor no estado (conforme abordado anteriormente), esse movimento tem gerado um efeito positivo sobre os rendimentos médios, principalmente para os rendimentos na base (para os ingressantes, com menores graus de instrução e em pequenas empresas), o que explicaria em parte o início de um movimento de diminuição das diferenças salariais entre a base e o cume. Porém, é necessário observar se o processo de crescimento se manterá e apresentará melhora, já que nem todas as análises de rendimento indicaram ganhos reais (com base na comparação com os índices de preços considerados) e vários cortes indicam várias categorias com perdas reais nos rendimentos médios no período.

## 6. CONCLUSÕES

O que podemos observar é que o segmento de confecções no Nordeste tem destaque no cenário nacional no setor. A região é relevante tanto no número de empresas como no de empregados, ambos formais, mas por outro lado existe um forte componente de informalidade do setor na região devido ao fato de se adaptar mais facilmente às sazonalidades inerentes ao segmento, tendência essa verificada também especificamente no Ceará, o estado mais relevante do setor na região.

O setor, mesmo sendo caracterizado por ter um relativo impacto sobre emprego e renda, é dominado por micro, pequenas e médias empresas associadas à citada informalidade, o que causa efeitos tanto pelo lado fiscal (pagamento de impostos) como também por gerar postos de trabalho sem cobertura social. Os trabalhadores do setor em grande parte estão submetidos a receber suas remunerações de maneira informal como também são prejudicados com as condições de meio ambiente do trabalho.

O que fica evidenciado neste diagnóstico é que a região Nordeste, contando com baixo nível de integração dos setores de sua economia, tem na atividade da confecção um importante setor que foi facilmente absorvido culturalmente por seus trabalhadores, mesmo sendo submetido a forte competição por preços de sua produção e não possuindo grande volume de comércio exterior (exportações), conseguindo diversificar sua comercialização por todo o Nordeste e boa parte da região Norte.

Também se observa que o setor de confecções no estado do Ceará (e no Nordeste no geral) apresenta uma divisão entre os estabelecimentos: um pequeno número de grandes empresas que desfrutam dos incentivos fiscais, com mobilidade geográfica e métodos de produção e gestão adequados (por isso mais fortemente integrado com os setores têxtil e de fibras) e por outro lado existe um grande contingente de micro e pequenas empresas que atuam em mercados específicos e limitados, com seus produtos como “cópia” dos *designs* desenvolvidos nos grandes centros consumidores e/ou pelas empresas de ponta. Também é considerável o contingente de empresas que atuam como “terceirizadas” de grandes empresas, produzindo produtos de acordo com especificações do cliente e tendo a obrigação de revenda para o próprio cliente, com o preço estipulado

pelo mesmo. Esses itens acabam por gerar uma tendência maior a precarização e à informalidade, dada a baixa sustentabilidade financeira da maioria das empresas do setor no estado do Ceará.

A baixa integração do setor de confecções com o resto da CTC é um fator limitante do desenvolvimento, já que não ocorre um efeito sistêmico por toda a cadeia das inovações do setor têxtil, o mais dinâmico no Brasil. No estado do Ceará não é diferente, já que, apesar do grande número de empresas, os mercados onde as mesmas atuam são caracterizados por baixa diferenciação de produtos e pela concorrência por preço, não favorecendo o desenvolvimento de atividades concentradas no eixo dinâmico do setor, principalmente *design*, marketing e vendas. E este fato também é fator limitante da possibilidade de um desenvolvimento mais dinâmico do setor no estado.

Sobre o mercado de trabalho, importante destacar a elevação real dos rendimentos médios dos trabalhadores da base do setor no estado do Ceará, ou seja, os menos escolarizados, e principalmente os ingressantes no mercado de trabalho formal. Aqui podemos salientar a política de valorização do salário mínimo como um dos principais elementos de explicação, já que conforme observamos em geral os rendimentos médios dos trabalhadores da base se elevaram mais do que os do cume (ou seja, dos mais escolarizados, com mais tempo de permanência no mesmo trabalho, entre outros), mesmo porque, como observado, o piso de muitas categorias de trabalhadores do setor é próximo ao salário mínimo vigente. Existe uma tendência à diminuição da diferença entre os rendimentos médios da base com o cume dos trabalhadores, mas que precisa ser observada em relação à sua possível continuidade (se é conjuntural ou não).

Porém, é importante salientar também que houve perdas reais nos rendimentos médios para os empregados que são mais qualificados e/ou a mais tempo no emprego atual, inclusive o próprio rendimento médio geral do estado no período teve perdas reais. Por outro lado, os empregados formais de Fortaleza, por sua vez, continuam com rendimentos médios acima das demais cidades do estado, mas essa diferença apresenta tendência à queda. Para as mulheres, maior parte dos trabalhadores formais do setor, também houve avanços em direção a uma maior equidade com os trabalhadores do sexo masculino, mas é necessário observar a continuidade ou não dessa tendência.



O aumento da escolaridade também foi perceptível para os trabalhadores do setor, sendo que no ano de 2004, a maioria dos trabalhadores formais do setor possuía ensino fundamental completo; o mesmo dado, para o ano de 1995 indicava que a maioria dos empregados possuía ensino fundamental incompleto.

Há o fator da informalidade, que é um depressor dos rendimentos e das condições de trabalho. Há um grande contingente de empresas formalizadas, mas sem empregados registrados em carteira, o que nos leva a crer que essas são as empresas que contratam os trabalhadores através das “cooperगतos” (podendo ser incluído aqui também as “facções”). Sem dúvida, ainda existe um forte efeito de precarização do trabalho se levarmos em conta esse aspecto. Com isso, deve ser observado que existe uma probabilidade de que o aumento do emprego formal seja nada mais que a formalização dos empregados informais, e a geração de novos postos propriamente dita foi menor do que foi aparentemente.

## **BIBLIOGRAFIA**

BANCO DO NORDESTE / ETENE. **Aprendizado e Inovação Local: Obstáculos e Oportunidades da Indústria Nordestina de Confecções**. Fortaleza: BNB\ETENE, 1999.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. **Introdução à formação econômica do nordeste**. Recife: Massangana, 1989.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Ensaio Sobre o Desenvolvimento Brasileiro - Heranças e Urgências**. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2000.

LOUSADA, Ésio. **Cronologia do artesanato em Itapajé**. Prefeitura Municipal de Itapajé, 2002.

PEREIRA, Maria de Fátima Fraga. **Mãe Operária de Maranguape: O Forte Sexo Frágil**. Monografia de Graduação em Sociologia, Julho 1985 - Fort.Ce

DIEESE. **15º Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário**. Luziânia, Goiás, 26 a 28 de julho de 2006.

MDIC/MCT/FINEP/UNICAMP-NEIT **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: Impactos das Zonas de Livre Comércio. Cadeia: Têxtil e de Confecções (Nota Técnica Final)**. Campinas, dezembro de 2002.